



**A PROSA DE FICÇÃO PORTUGUESA PUBLICADA NO PERIÓDICO CAMETAENSE
OITOCENTISTA *O JASMIM* — ANÁLISE DE DOIS TEXTOS
*PORTUGUESE PROSE FICTION IN THE NINETEENTH-CENTURY CAMETAENSE
PERIODICAL O JASMIM—ANALYSIS OF TWO TEXTS***

[10.29073/naus.v4i2.827](https://doi.org/10.29073/naus.v4i2.827)

RECEÇÃO: 27 de novembro de 2023.

APROVAÇÃO: 18 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 30 de dezembro de 2023.

AUTOR/A 1: Maria Lima , Universidade Federal do Pará, Brasil, marialuiza@ufpa.br.

AUTOR/A 3: Maria Tavares , Universidade Federal do Pará, Brasil, lucilena@ufpa.br.

RESUMO

Com o florescimento das publicações dos jornais, o público brasileiro demonstrou um grande interesse no acesso à informação por meio dos periódicos, tanto como fonte de informação quanto de entretenimento, e pôde se deleitar especialmente com as publicações dos folhetins, um fenômeno literário advindo da Europa, principalmente da França. As publicações de periódicos na Província do Grão-Pará mostraram-se bastante prolíficas durante o século XIX e se estenderam até o seu interior, mais especificamente na cidade de Cametá. Levando isso em consideração, o objetivo desse trabalho foi recuperar a prosa de ficção portuguesa publicada no periódico *O Jasmim* no século XIX, haja vista que a referida cidade era considerada um centro difusor de cultura da província do Grão-Pará, uma vez que, no período da Cabanagem, ela chegou a ser, embora por pouco tempo, a capital da província. Ao ter acesso a tais publicações, constatou-se a importância da imprensa na cidade, o que demonstra o caráter da cidade de Cametá enquanto difusora da cultura letrada no interior paraense.

PALAVRAS-CHAVE: Cametá-PA; Jornais; Prosa de Ficção Portuguesa; Século XIX.

ABSTRACT

With the flourishing of newspaper publishing, the Brazilian public showed great interest in accessing information through periodicals, both as a source of information and entertainment, and they were especially delighted with the publications of pamphlets, a literary phenomenon originating in Europe, especially France. The publication of periodicals in the province of Grão-Pará proved to be quite prolific during the 19th century and extended into its interior, more specifically in the city of Cametá. This study aimed to recover the Portuguese prose fiction published in the periodical *O Jasmim* in the 19th century, given that this city was considered a center for the diffusion of culture in the province of Grão-Pará, since during the Cabanagem period, it became the capital of the province, albeit for a short time. Having access to these publications showed the importance of the press in the city, which demonstrates the character of the city of Cametá as a diffuser of literate culture in the interior of Pará.

KEYWORDS: 19th Century; Cametá-PA; Newspapers; Portuguese Prose Fiction.



1. INTRODUÇÃO

No Brasil e no mundo, o século XIX trouxe progresso social e cultural. As cidades passaram por avanços tecnológicos e populacionais e na cidade de Cametá, interior do Pará, não foi diferente. Seu comércio se desenvolvia sobremaneira e a maior parte da população tinha contato com as novas ideias que circulavam na província.

A pesquisa nos periódicos demonstraram que a vida literária e social cametaense era diversa. As notícias documentam os clubes, sociedades artísticas e gabinetes literários que os jovens frequentavam para se atualizar a respeito do teatro, dança e literatura na cidade. Foi por meio dessas organizações que floresceram os ideais políticos e literários dos jovens da cidade que se reuniam para debater e se inteirar das novidades.

Fundada em 24 de dezembro de 1635, Cametá é uma das cidades mais antigas do estado do Pará, hoje com 382 anos. São várias as menções à cidade nos jornais publicados na Província do Grão-Pará. Um número tão grande nos permite averiguar sua importância em um contexto regional e também nacional, como será visto nesta seção. Desta maneira, o objetivo desse trabalho foi recuperar e analisar a prosa de ficção de origem portuguesa veiculada por meio dos periódicos cametaenses no século XIX enquanto forma de expressão cultural nessa região.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Durante o século XIX foi efervescente o movimento da imprensa no Brasil, com significativa circulação de periódicos nas principais cidades do país. Além do Rio de Janeiro, capital da Corte naquele momento, na província do Grão-Pará, o movimento cultural foi intenso e as manifestações em jornais e revistas foram presentes em todo território.

Segundo Maria Lucilena Gonzaga Costa (2008, p. 10), “o nascimento da imprensa no Pará se deu, concomitantemente, à chegada de ideias liberais advindas da Europa por meio de estudantes paraenses que de lá retornaram com a bagagem cheia de ideais revolucionários”, entre esses jovens estava Felipe Patroni (1794–1866), que acabou por fundar o primeiro jornal do estado, *O Paraense*, em 1822.

Após a Independência do Brasil, uma grande fonte de interesse foi a presença dos folhetins nos jornais. Esse gênero literário foi uma importante ferramenta de atualização cultural em nosso país, pois, segundo Marlyse Meyer: “Deste caótico passeio em busca do folhetinzão europeu no Brasil fica a certeza de ter ele deixado marcas indeléveis, e não só nos construtores do romance nacional.” (1996, p. 313). O folhetim era inicialmente o espaço destinado a diversos assuntos e à crítica literária no rodapé dos jornais. Segundo Meyer, em sua origem, ele era:

Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e de monstros, se propõe charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém-saídos — o esboço do Caderno B, em suma. E numa época em que a ficção está na crista da onda, é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestre e noviços do gênero, histórias curtas ou menos curtas e adota-se a moda inglesa de publicações em série se houver mais textos e menos colunas. (Meyer, 1996, p. 57–58).

Assim, os editores e escritores contavam com grande liberdade para inserirem novos gêneros no espaço *Folhetim*. Assim, com a inserção do folhetim nos periódicos criou-se um sucesso literário, possibilitando que a prosa de ficção pudesse fazer parte da vida diária do público leitor da época, que tinha o interesse em comprar e ler a prosa publicada nos jornais, consoante afirma Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (2007, p. 22): “Neste sentido, a prosa de ficção surgiu, assim, como uma demanda do público leitor de periódico, cujo controle era impossível de restringir ou estabelecer *a priori*, uma vez que ia se conformando a partir das expectativas da época”.

O público dos folhetins era vasto e advindo de variadas classes sociais. As pessoas se identificavam com os personagens e com as histórias narradas e, segundo Mikhail Bakhtin (1998, p. 421): “pode-se participar dessas aventuras e se auto identificar com os seus personagens, tais romances quase servem de substitutos da nossa vida



particular”. Assim sendo, os leitores acompanhavam a publicação de prosa de ficção com grande interesse, o que permitiu grande desenvolvimento desse gênero nos periódicos e alavancou as vendas de jornais. Meyer (1996), a respeito do surgimento do gênero nas terras brasileiras, afirma que:

Uma nota de rodapé do Jornal do Comércio de 31 de outubro de 1838 chama a atenção dos leitores para o acontecimento do dia: a publicação do primeiro capítulo da “linda novela”, O Capitão Paulo, novela de Alexandre Dumas, traduzida por J. C. Muzzi. A publicação se estende de 31 de outubro a 27 de novembro. Está aberto o rodapé ao feuilleton-roman, que começa a jorrar descontinuamente a partir de 1839, que é também o ano em que o jornal acolhe as chamadas primeiras manifestações da ficção em prosa brasileira, com os textos de Pereira da Silva, J.J. da Rocha, Paula Brito e outros. A invasão maciça do folhetim traduzido do francês, que vai estender-se por anos a fio, nem por isso elimina o calouro romance nacional: ambos vão coexistindo em regime de alternância. (Meyer, 1996, p. 32).

Tanto sucesso devia-se ao fato de o acesso ao jornal ser facilitado e barato e o interesse por parte dos leitores fazia com que mais obras fossem publicadas, criando-se assim, segundo Germana Maria Araújo Sales, “uma cumplicidade com o leitor, por meio do uso da fórmula do “continua amanhã...” (2014, p. 44). O folhetim tornou-se, nessa época, o principal sustentáculo das vendas de periódicos, pois os autores utilizavam de técnicas para manter o suspense até o último minuto. Assim sendo, se não houvesse a possibilidade de publicação no referido suporte, muitos autores hoje não seriam conhecidos e divulgados. Izenete Garcia Nobre enfatiza essa ideia:

Dessa forma, se editores, livreiros, instituições políticas, imprensa ou mesmo esferas sociais não estivessem envolvidas, apenas o brilhantismo do autor e a beleza de seu texto não encantariam os corações e olhos dos leitores dos mais diversos setores sociais. A invenção de Gutenberg foi, nesse sentido, o suporte para a difusão de ideias, de informações e de modas nos muitos espaços do mundo onde se estabeleceu como um suporte mercadológico. (Nobre, 2009, p.14).

Ao se unirem, esses setores facilitaram a divulgação e alcance das obras por meio dos folhetins, assim como aumentou muito o número e a diversidade de autores e nacionalidades que circulavam no país. Na Província do Grão-Pará, esse fenômeno não foi diferente, o que pode ser exemplificado pelo grande número de jornais que eram publicados em Belém e no interior. Em Cametá, tão distante da capital, isso fica bastante explícito ao se observar o interesse do público leitor, basta ver o escopo de publicações locais, além do expressivo número de crônicas, contos e folhetins veiculados, perfazendo mais de 50 títulos de prosa de ficção veiculados.

Apesar da distância geográfica entre Cametá e a capital da Província, Belém, a forte presença da imprensa e o grande número de publicações na cidade permite afirmar que o interior paraense, em particular, a região mencionada, valorizava a cultura letrada e não se mantinha à margem do que estava acontecendo no restante do país em matéria literária. As informações mencionadas e analisadas nos capítulos anteriores permitem corroborar a fala de Barbosa (2007) de que:

Outro importante aspecto da circulação da cultura letrada que os jornais revelam com bastante propriedade diz respeito à integração entre as províncias e a circulação de livros e periódicos. Esta e as outras pesquisas em jornais têm desmentido a concepção corrente, segunda a qual as províncias viviam culturalmente isoladas e, no máximo, mantinham contato com a Corte, ou a capital da República. Ao contrário, os jornais e periódicos revelam que havia um movimento intenso entre as províncias, o que incluía a troca de jornais, o recebimento de livros, a crítica literária, tudo isso apresentado em notas que, por si só, já constituem fonte de documentos e de pesquisas para uma história da leitura no Brasil que não se limita às fontes bibliográficas tradicionais (Barbosa, 2007, p. 83–84).



Foi essa integração entre a Província do Grão-Pará e o interior que possibilitou que a imprensa chegasse a Cametá. Nos jornais da cidade encontramos diversas publicações de autores brasileiros e estrangeiros. Tendo em vista o que foi categorizado durante a pesquisa, ao observar os exemplos de prosa de ficção publicadas nos jornais de cametaenses, selecionamos dois exemplos de prosa de ficção que serão analisados a seguir: *O Poder de um Retrato*, de autoria desconhecida, e *A Monja*, de Soror Amélia.

3. DISCUSSÃO

Durante a pesquisa nos periódicos cametaenses localizamos no jornal *O Jasmim* a prosa de ficção intitulada *O Poder de um Retrato* — Romance Original, publicada em cinco capítulos, a partir do dia 26 de janeiro de 1875. O primeiro capítulo, *Amor de Mãe*, inicia mostrando uma casa comum da cidade de Lisboa. Encostada à janela que tinha vista para um palácio está uma jovem de pouco mais de dezoito anos, “formosa como uma virgem de Rafael, alva como o mais fino mármore” (*O Jasmim*, n. 101, 26/01/1875, p. 3). Interessante notar aqui a descrição da moça, bela e com a tez clara, chegando a ser comparada com uma pintura. Ao observar uma das pinturas de Rafael, célebre artista do Renascimento italiano, podemos vislumbrar como eram os padrões de beleza da época, em que a mulher era muitas vezes idealizada e inatingível.

A personagem do romance, chamada Leonor, contemplava um rapaz, Álvaro, um estudante de Medicina, que parecia insensível a seu carinho. Seu rosto “era nobre e simpático, mas parecia que um profundo combate se desenvolvia em seu peito, e dava ao seu caráter um aspecto melancólico.” (*O Jasmim*, n. 101, 26/01/1875, p. 3)

Entre eles havia um berço, com uma criança de treze meses, filho do casal. Álvaro nesse momento afirma que deseja levar o filho embora:

— *Leonor, vós para mim sois a mesma bela ... encantadora: consagro-vos o mesmo amor; mas hoje venho pedir-vos um sacrifício; eu o exijo por força, ou por vontade. Eu quero levar meu filho!... Não julgueis que pretendo tratar contra a sua existência...não: ela me é bastante cara; quero tê-lo em minha companhia e nada mais.* (*O Jasmim*, n. 101, 26/01/1875, p. 3)

Em seu desespero, Leonor tenta argumentar com Álvaro, entretanto ele termina o relacionamento entregando uma bolsa de dinheiro a ela e leva o bebê embora. O segundo capítulo se passa dezoito anos depois, nas salas do palácio do Conde de Rosendal, nobre fidalgo francês, onde tem lugar uma reunião com figuras da nobreza de Portugal, dentre eles, Vasco da Gama e Gil Vicente.

Personagem imortal da Literatura, Gil Vicente, nascido no ano de 1465, é considerado o pai do teatro português, tendo sido o responsável por modificar esse gênero no país. A ele são creditadas 44 peças, entre as mais famosas: o *Auto da Visitação*, encenado perante a rainha D. Maria; o *Auto da Barca do Inferno*, o *Auto da Barca do Purgatório* e o *Auto da Barca da Glória*.

Vasco da Gama foi um importante navegador português do período das Grandes Navegações, nascido em 1469. Foi quem comandou a frota que chegou às Índias, possibilitando que a Coroa e a burguesia portuguesa obtivessem lucros expressivos, quebrando o monopólio de cidades como Gênova e Veneza. Confirmamos que são, de fato, as figuras históricas pelo diálogo que se passa entre os cavalheiros presentes:

— *Então, Gil Vicente, quando teremos na corte alguma representação dos teus autos?*

— *Não sei, por ora, quando poderei satisfazer esse desejo do nosso rei D. Manoel.*

— *E vós, D. Vasco da Gama, não ides descobrir novas terras, e ganhar mais uma coroa para vossa cabeça, e um brasão para nosso Portugal?*



— Não, D. Rodrigo, há já dois anos que saí de Lisboa, e apenas oito dias que cheguei à minha pátria. É necessário descansar um pouco. Essa empresa, que o finado rei d. João II legou a meu pai, deu-me seu filho; empreguei todos os recursos para bem a desempenhar; a favor de Deus; e a ciência dos homens levaram ao cabo os meus projetos; lutei com todas as adversidades: via morrer os meus marinheiros, as tempestades próximas a fazer-nos engolir pelas ondas, os raios prestes a fazer-nos vítimas, os mouros sempre armando-me ciladas e traições, e... mas não desanimei; acabei a tarefa de que me tinha encarregado, e entrei em Lisboa, trazendo apenas cinquenta e cinco homens de cento e quarenta e oito com que dela havia saído. (O Jasmim, n. 103, 16/02/1875, p. 3).

Como vemos, há aqui uma preocupação em fornecer uma contextualização histórica de dois personagens significativos da história de Portugal, assim como o período áureo das navegações ultramarinas. Sendo um país pioneiro nas navegações, foi a partir do século XV que os portugueses obtiveram grande sucesso nos empreendimentos marítimos que buscavam recursos minerais, vegetais e outras riquezas. Entre os resultados provenientes de tais incursões está o descobrimento do Brasil, por Pedro Álvares Cabral, em 1500.

Maria de Rosendal, também presente nessa reunião, era a filha do dono da casa, bela moça, bem-vestida, considerada uma deusa da formosura pelo narrador, era admirada de perto por Pedro, a quem retribuía um sorriso, indicativo de que havia um romance entre eles. O que é confirmado pela fala de Pedro, na continuação do capítulo na edição seguinte do jornal:

Deixar-vos eu, Maria? Eu, que tanto vos amo? Que desejaria estar sempre junto a vós?... na minha viagem era o vosso retrato que me animava nos perigos; invocava vosso nome, e parecia que as vagas se curvavam respeitadas. — Que mistério não tinha esse nome, pronunciado ante o Céu e a imensidão dos mares — ante Deus, e o elemento que furioso se debatia contra a frágil embarcação. — Mas como era possível morrer, se tinha um anjo que velava por mim, e pedia ao Soberano do mundo proteção para o seu terno amante! (O Jasmim, n. 104 25/02/1875, p. 1)

A resposta de Maria exprime um dado importante: a data que seu amado partiu em viagem com Vasco da Gama, 7 de junho de 1497, o que o inclui na histórica expedição que descobriu as Índias:

Tinha a data da vossa partida bem gravada na memória: foi a 7 de junho de 1497 o dia em que me disseste o último adeus: passaram-se dois anos, e nem uma notícia vossa, quando a 10 de julho deste ano entrou em Cascais a nau de Nicolau Coelho; mas aquela em que haveis partido não vinha: que me importava se achassem novas terras, se eu perdia aquele que amava? — Avaliei as angústias de meu coração, e os tormentos que padei até ao dia 29 do mês passado, que vi entrar uma nau: um pressentimento lisonjeiro me avisou que éreis vós: orei à Virgem, e lhe dei graças de mo haver restaurado a minha ventura, o meu querido Pedro (O Jasmim, n. 104, 25/02/1875, p. 1–2).

A alegria pela volta de Pedro era intensificada pelo fato das duas famílias aprovarem a relação e o casamento já estar sendo tratado por seus pais. A edição seguinte do jornal *O Jasmim* exhibe a sequência do romance, com o capítulo intitulado *A mãe e o filho*. Um mês havia se passado desde a festa, e na casa do conde Álvaro, pai de Pedro, os preparativos para o casamento de Maria e Pedro estavam sendo feitos. Durante um passeio pelo sítio da Alfama, em direção a seu palácio, o jovem Pedro avista um casebre que indicava pobreza e miséria, onde se encontra uma senhora muito humilde. Como vemos, há aqui um indício de que a narrativa seria de autoria portuguesa, pois o autor parece ser alguém que tinha conhecimento muito extenso e aprofundado sobre os cenários portugueses, uma vez que cita um dos bairros mais famosos de Lisboa, capital portuguesa. Ao parar para conversar com a mulher, Pedro pede que ela conte a origem de sua desgraça, que narra:



— São passados vinte anos. Eu era jovem nessa idade em que o amor é o único pensamento, houve um homem por quem senti uma violenta paixão. [...] Dessa união tivemos um filho; era os meus encantos, era junto a ele que passava parte de meus dias, a contemplá-lo quando dormia o seu sono de inocente. [...] Uma noite, noite fatal, o meu amante me disse que pretendia seu filho, roguei-lhe, pedi-lhe de joelhos que mo deixasse, que não mo roubasse minha única consolação; mas ele foi surdo a meus rogos, e levou meu filho para sempre! (*O Jasmim*, n. 105, 04/03/1875, p. 1–2).

O jovem pede então para que a senhora fale o nome do homem que levou seu filho embora, ela respondeu que seu nome era Álvaro. A senhora possuía também um retrato do homem, e ao mostrá-lo a Pedro, esse reconhece seu pai. Emocionado, o moço promete levar sua mãe daquele lugar em breve e volta para seu palácio.

A última parte, *A Reparação*, mostra o confronto de Pedro com seu pai, em busca de respostas após a conversa com sua mãe. Ele começa por contar toda a história que ouviu mais cedo. No coração de Álvaro voltavam todas as memórias da época em que era jovem e havia amado aquela mulher. Ele então pede para ver Leonor, e afirma que o que havia motivado a separação tinha sido a grandeza de seu nome e as convenções sociais. O conde pede o perdão de Leonor, que o aceita, uma vez que ainda o amava. No dia seguinte, Pedro e Maria estão prontos para o seu casamento, quando Álvaro e Leonor aparecem elegantemente vestidos para o seu próprio enlace. O último parágrafo da obra é uma fala do conde:

— Senhores: tenho a honra que anunciar-vos dois casamentos: o de Pedro com a linda Maria de Rosendal; e o meu com a mãe de meu filho; com a jovem a quem muito amei, a quem seduzi, e a quem infamemente abandonei. Sei que ainda me adora, e devo, se bem que tarde, reparar a minha falta. Sei que desejais conhecer a vítima dos caprichos de minha juventude; porém não vo-la apresentarei como tal, mas sim como aquela a quem ofereço o meu nome, e a minha mão; como a esposa que vai ser minha. A que vedes a meu lado é a condessa D. Leonor (*O Jasmim*, n. 105, 04/03/1875, p. 3).

O romance termina com essa tentativa de reparação do passado por parte do Conde Álvaro, ao fazer da mulher, a quem uma vez abandonou e a quem tomou o filho, sua esposa e condessa. Após a análise dessa narrativa, percebemos que ela é essencialmente romântica, uma vez que retrata as reviravoltas que Álvaro e Leonor passam para poder realizarem seu enlace amoroso.

Ademais, há na obra a questão do casamento por conveniência, que dita os valores morais, pois Álvaro se recusa a prosseguir sua relação com Leonor, dado que ele é um fidalgo e ela uma moça humilde, reiterando o quanto era importante para a sociedade portuguesa a valorização do nome familiar. Além disso, encontramos na narrativa uma figura feminina, Leonor, que deve se sujeitar às vontades masculinas, questão que era bastante comum na sociedade patriarcal em que a obra está inserida.

4. A MONJA DE SOROR AMÉLIA

No século XIX, a escrita feita por mulheres, para mulheres ou com personagens femininas estava em seu auge e foram fundamentais para a propagação do romance enquanto gênero literário, assim, segundo Sandra Guardini Vasconcelos (2007, p. 124), “trazendo-as para primeiro plano e pondo-as no centro da cena, o novo gênero literário, assim como grande parte da produção intelectual do período, demonstrou interesse sem precedentes pela figura da mulher, por sua natureza e posição.”

Mesmo experimentando essa valorização da mulher, seu papel na sociedade da época era bastante restrito, pois tinham que se submeter aos desejos do pai e do marido, serem castas, femininas, submissas e fazerem de seus lares retiros de paz e serenidade. Às mulheres era relegada a tarefa de cuidar da casa e dos filhos, o que fazia com que usassem seu tempo ocioso com a leitura de romances, que também serviam para veicular os ideais que a sociedade pregava como valorosos:



Naturalmente, os romances também participaram deste movimento cultural. A maior parte deles, na Inglaterra do século XVIII, foi escrita para instruir pelo exemplo, promover a virtude e punir o vício por meio de uma história divertida. O senso de propósito moral e o zelo didático dos romancistas exprimiam uma moralidade burguesa que clamava por expressão. Para eles, o romance funcionava como um instrumento pedagógico que visava reformar os homens, os costumes e as maneiras. O romance teve, dessa forma, papel central na construção do gênero (gender), articulando e propagando a ideologia da domesticidade, que confinava as mulheres à esfera privada, ao passo que ratificava a noção do homem como um ser público. Mais ainda, o novo gênero (genre) contribuiu para naturalizar esse novo conceito de feminilidade, como se houvesse uma essência feminina — biologicamente inferior, socialmente subordinada e portadora de qualidades naturais que a tornavam mais afeita ao mundo da casa (Vasconcelos, 2007, p. 132).

Apesar desse controle masculino, perpetuado em parte pelos romances, como visto acima, as vozes de algumas escritoras começaram a surgir, também como uma tentativa de levar as mulheres a questionarem seu papel na sociedade e a repensarem sua subordinação aos homens, por meio da criação de personagens questionadoras, inteligentes e fortes, o que Vasconcelos (2007) reforça:

Apesar dos constrangimentos sociais, algumas dessas romancistas assumiram a responsabilidade de defender a mulher e seu direito à leitura séria, a interesses mais amplos e ocupações intelectuais como parte também da esfera feminina. Desafiando convenções predominantes, suas vozes se levantaram para protestar contra a subordinação feminina, contra os horizontes estreitos e a falta de oportunidades. Como escritoras profissionais, o que por si só já era um desafio aos tradicionais papéis destinados à mulher, era natural que essas romancistas se postassem contra as restrições que limitavam a vida das mulheres (Vasconcelos, 2007, p. 138).

Conscientes de seu papel na transformação de valores adquiridos e impostos às mulheres, as romancistas usaram de suas penas para iniciar um movimento que visava trazer um pouco mais de liberdade e autonomia à vida das mulheres. Por esse motivo, acreditamos ser importante analisar uma narrativa com perspectiva feminina veiculada no jornal cametaense *O Jasmim*. Apesar do texto não ter sua autoria reconhecida no referido periódico, segundo a publicação do *Jornal das Famílias*, periódico fluminense, em fevereiro de 1865, o mesmo foi escrito por Soror¹ Amélia.

Publicada na coluna *Variedades* na primeira página do dia 22 de setembro de 1875, na edição 124 do jornal, essa narrativa é apenas um fragmento do original. Com um tom melancólico, a narradora, falando em primeira pessoa, afirma ser bela e jovem e encontrar-se enclausurada em um convento, a mando de sua família:

Sou moça: diz-me o espelho que sou bela, e bela me chamam as minhas companheiras de infortúnio.

Sou moça e bela!!! E na primavera da vida, e no viço da beleza, e ao desabrochar do coração, cinge-me o corpo o burel de monja e condenam-me a passar a existência entre as paredes solitárias do claustro! (O Jasmim, n. 124, 22/09/1875, p. 1).

Inconformada por ter sido trancafiada contra sua vontade no claustro, a narradora se sente muito solitária, em meio às orações e penitências que é obrigada a fazer e aos cilícios que tem de usar. No auge de seu vigor físico, o único consolo que a religiosa tem é durante os momentos em que sua mente entra em estado de devaneio:

E quanta vez, quando as negras fileiras das montanhas entoam cânticos harmoniosos, que de envolta com incenso, se elevam ao céu; quanta vez assistindo aos mais augustos mistérios da religião e prostradas nas

¹ Segundo o Dicionário Online de Português Soror, ou Sórór, é o tratamento dado às freiras, sendo o correspondente a frei.



frias lajes do santuário, não se ausenta o meu espirito e não percorre os espaços desse mundo desconhecido, que entrevejo apenas e de onde tão desumanamente me arrancaram!... (O Jasmim, n.124, 22/00/1875, p.1).

Não estando satisfeita com sua situação, a jovem almeja a vida de pessoas que são livres, como, por exemplo, os camponeses que não são obrigados a ficarem dentro das paredes do claustro, como ela: “Como invejo a vida do camponês que passa o dia ao sol ardente do estio e volta à noite à choupana em que pela manhã deixará a meiga companheira de sua vida” (O Jasmim, n. 124, 22/00/1875, p.1).

Para ela, qualquer condição seria melhor do que a de monja, palavra essa que é repetida dez vezes, a maioria delas seguida de um ponto de exclamação, ao longo da pequena narrativa, no que poderia ser uma tentativa de aceitação de sua realidade atual. A moça era ainda criança quando foi entregue aos cuidados das freiras, em uma cena que é descrita assim:

Eu era bem criança, a doudejar nos campos, a aquecer-me aos raios de sol, e a colher as flores perfumadas que pendiam das pétalas... Era ainda bem criança e descuidosa gozava a vida, como a rosa do prado ao orvalho da manhã.

E um dia disseram-me: Deves ser monja... e trouxeram-me para aqui; os gonzos gemeram pesados... a porta fechou-se... despiram-me as roupas alvas de criança... vestiram-me as roupas negras de monja... proferiram não sei que palavras... murmuraram não sei que rezas...fizeram-me cair ao chão as louras tranças de meus cabelos. O órgão ressoou melancólico pelas abóbadas do templo alumado... o pontífice pediu para mim a benção do céu... senti o apertar convulsivo de minha mãe que soluçava... e depois disseram-me:

És monja! (O Jasmim, n. 124, 22/00/1875, p.2).

A descrição desse momento é tocante e leva o leitor a imaginar a angústia que a narradora passou ao ter sua infância interrompida para tornar-se monja. Indignada com a falta de controle sobre sua própria existência, ela faz um questionamento importante: “Monja! E quem lhe deu o direito de me sepultarem na vida! E quem lhes deu o direito de me arrancarem ao mundo, de me sufocarem o grito do coração?! (O Jasmim, n.124, 22/00/1875, p.2).

A resposta para essas inquietações é de que seu coração não foi sufocado e todos os sentimentos ainda habitam seu peito, apesar da solidão e das lágrimas que ela enfrenta entre as paredes do convento. Apesar disso, aparentemente para ela a única solução seria se conformar com sua vida, como visto no fim da narrativa:

Mas sou monja!... E o coração que se cale e as lágrimas que sequem, e o lábios que resmunguem preces!... Mas quem me tirará o desalento e o desespero, quem me serenará a tempestade da alma, quem restituirá a calma e a tranquilidade?

Como sois felizes, vós que viveis ao ar livre, ao sol de Deus, em meio das flores perfumadas do prado, sem que as altas muralhas do claustro vos embarcem os passos! (O Jasmim, n. 124, 22/00/1875, p.2).

O relato termina dessa forma, e só podemos imaginar qual foi o destino dessa jovem, que representa tantas outras mulheres que eram relegadas por suas famílias a irem contra suas vontades para conventos, onde a maioria acabava por viver infeliz e solitária. Essa era uma característica da sociedade da época, em que o pai, quando a moça era solteira, ou o marido, quando casada, podia decidir o futuro das mulheres de sua família como melhor lhe conviesse. Os principais motivos que faziam com que as famílias enviassem suas filhas para os conventos eram o grande *status* social que representava ter um religioso na família e a questão econômica que envolvia o dote que os pais da moça deveriam destinar a seu futuro marido, se ela entrasse para o convento esse pagamento não seria necessário.



5. CONCLUSÃO

Ao fim deste trabalho, acreditamos ter sido possível demonstrar que estudar a história da Imprensa no interior da Província do Grão-Pará faz-se cada vez mais importante, pois a cidade de Cametá encontrava-se em consonância com o resto do país, quanto às publicações nos periódicos. Durante o século XIX houve um grande fluxo de vapores provenientes da Europa com todo tipo de mercadorias e, principalmente, com jornais e livros, a população buscava cada vez mais novas fontes de informação e entretenimento. Assim, havia no Brasil as condições perfeitas para que a leitura literária pudesse alcançar patamares nunca antes vistos.

Observamos que as condições na cidade de Cametá eram propícias para a circulação da prosa de ficção e demais gêneros literários, uma vez que havia os produtores literários dispostos a publicarem nos jornais e um o público capaz de ler e entender a linguagem dessas obras. Desse modo, a imprensa na época era uma grande facilitadora da circulação da cultura letrada. Assim, foi possível resgatar, sob um novo olhar, um pouco da importância histórica, geográfica e cultural da cidade de Cametá para o Pará e o Brasil, o que pode servir de fonte de pesquisa às pessoas interessadas nessa temática e rememorar um passado que se torna presente a quem ler esse trabalho.

Outro fato considerado relevante foi constatar a publicação de uma narrativa com perspectiva feminina, em uma época que a mulher começava a buscar uma saída da sua condição de submissão em relação às figuras masculinas que ainda dominavam suas vidas, o que coloca a cidade de Cametá em uma posição de vanguarda da imprensa periódica da época uma vez que leva os leitores, tanto as mulheres quanto os homens, a questionarem a perpetuação de atitudes de subserviência em relação à mulher, como fica claro *A Monja*, de Soror Amélia. Ademais recuperar exemplos de prosa de ficção com temática lusófona, como *O Poder de um Retrato*, ratifica a proposição de que a referida cidade se mantinha atualizada e capacitada para acompanhar as tendências que percorriam a Corte e mesmo a Europa.

REFERÊNCIAS

- Bakhtin, M. (1998). *Questões de Literatura e de Estética: a Teoria do Romance*. Hucitec.
- Barbosa, S.F.P. (2007). *Jornal e Literatura: a Imprensa Brasileira no Século XIX*. Nova Prova.
- Costa, M.L.G. (2008). *Gazeta Oficial: Periódico Noticioso Literário do Século XIX*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará).
- Meyer, M. (1996). *Folhetim: uma história*. Companhia das Letras.
- Nobre, I. (2009). *Leituras a vapor: a cultura letrada na Belém Oitocentista*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará).
- Sales, G.M.A. (2014). *Rastros da Memória Cultural no Período Oitocentista*. In S.F.P. Barbosa (Ed.), *Livros e Periódicos nos Séculos XVIII e XIX*. UFPB.
- Vasconcelos, S. G. T. (2007). *A Formação do Romance Inglês: ensaios teóricos*. Aderaldo e Rothschild: Fapesp.

DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar. **REVISÃO POR PARES:** Dupla revisão anônima por pares.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.